

APRESENTAÇÃO

Esta edição traz grandes contribuições acerca do intrincado debate sobre as possibilidades do reencantamento. Vários foram os nomes que formularam o diagnóstico de uma dessacralização ou desmagificação da experiência, dentre eles: Max Weber, que proferiu, ainda no século XIX, o chamado ‘desencantamento de mundo’ pela racionalidade científica; Friedrich Nietzsche, ao sentenciar a morte de Deus e Theodor Adorno, quando descreditou da possibilidade de haver poesia após Auschwitz, para citarmos os mais importantes.

Mas nem tudo se perdeu, e estes ‘profetas’ acabaram incitando a pergunta pela potencial restituição da magia e da sensualidade no mundo das idéias. Foi nessa esteira que, a partir dos anos 1990, Michel Maffesoli celebrou as micro-poéticas da vida urbana contemporânea como formas de se reviver o encantamento e Dietmar Kamper propôs uma ‘mudança de horizonte’ na nossa forma de pensar, por meio de uma radical retomada do corpo como instrumento de combate ao simulacro narcisista refletido no processo de inevitável digitalização do mundo. Maffesoli e Kamper são os convidados especiais do nosso dossiê. O primeiro nos cedeu um capítulo de seu último livro *Le Tresor caché*, ainda inédito no Brasil. Os direitos do texto de Kamper, já falecido, sobre o poder disruptivo da fantasia no mundo instrumentalizado, foram gentilmente cedidos pelo professor Christoph Wulf, vice-presidente da UNESCO na Alemanha.

Além dos dois, Allan Mocellim defende a necessidade de uma delimitação rigorosa do conceito de desencantamento, mediante uma argumentação que aborda as dimensões religiosa e científica de maneira concomitante. Em seguida, Maria Ceíça Xavier de Almeida explica as diferenças entre ciência como território e ciência como nomadismo como proposta para um reencantamento do pensamento e da educação e Carolina Dantas apresenta um texto que propõe analisar o movimento ‘Ocupe Estelita’ em Recife e a articulação em redes como via utópica frente a um cenário político desolador. Luiz Martins da Silva e Daniel Gonçalves de Oliveira abordam a Holoética como uma lógica por trás de nova ética discursiva global, enquanto Lylian Rodrigues (UNIFAP) discorre sobre linguagem, tecnologia e mediação no contexto das práticas educacionais, de modo a transformar os modos pelos quais nos relacionamos com o outro. Bruno Sampaio e Eduardo Duarte nos embarcam num processo de consciência criante a partir das imagens do filme *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2010) e Laila Melchior e Miriam Pimentel nos mostram como as obras dos artistas Débora Bolsoni e Ayrson Heráclito colocam em questão uma série de observações sobre práticas comuns e heranças indígenas e afro-descendentes no Brasil. Alan Mascarenhas e Thiago Soares tratam de experiência, fascinação e performance na música pop, tendo como norte a estética do *fandom*; e finalmente Christoph Wulf encerra o dossiê com um texto delicadamente traduzido por Danielle Naves, sobre as figurações estéticas das imagens humanas.

A seção ‘Visualidades’ traz registros fotográficos da arte política da alemã Eva Castringius sobre os efeitos devastadores de mineradoras na paisagem budista do Tibet. Na seção ‘Livres’ temos Tânia Montoro e Vinícius Barreto tratando de identidade e alegoria no filme chileno *Tony Manero*; Clara Abdo Magalhães e Tânia Gouveia refletindo sobre a construção de identidade no Instagram, Filipe Falcão nos explicando o termo ‘cosmética do sangue’ em filmes de baixo-orçamento e finalmente Karolina Calado e José Afonso Júnior refletindo sobre a inserção dos smartphones na rotina de produção jornalística.

Dr. Fábio Ramalho (professor, UNILA) e Frederico Feitoza (Editor-responsável, UCB).